

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

PT garante animação à festa

Quando o debate em torno da eleição presidencial no ano que vem já se desenhava como um breve contra a luxúria, de uma mansidão atroz, eis que surge o velho e bom PT para garantir o *samba-rock meu irmão*. A reunião do Diretório Nacional do partido em São Paulo no último fim de semana e as entrevistas de Luis Inácio Lula da Silva e Tarso Genro, dois postulantes petistas à candidatura, na *Folha de S. Paulo*, domingo, mostraram que o baile promete.

Enquanto segue o governo em sua mansa hegemonia produzindo, em matéria de disputa, apenas as mesmas e cansativas brigas de PFL versus PSDB e PMDB contra todos, o PT inaugurou o processo apresentando, logo de início, a possibilidade de expulsão de um governador e a explicitação de posições absolutamente opostas em suas duas hipóteses de candidatura.

Lula, escolado por duas derrotas e pela primeira vez ameaçado de perder o lugar de candidato eterno, pediu a Luiza Erundina emprestado o figurino da conciliação e, vestido nele, faz a pregação das alianças. Chegou à brilhante conclusão de que "não estamos mais no regime militar" e quer, antes de se lançar candidato, que se forme uma frente ampla, admitindo até mesmo a possibilidade de que a cabeça-de-chapa venha de fora do PT.

Tarso Genro, ao contrário, aposta em candidatura própria do partido — a dele, evidentemente —, cujo programa deve marcar nítida diferença com o projeto de Brasil tocado pelo atual governo. Defende uma postura nitidamente de esquerda que seja capaz de polarizar em torno de si os setores da sociedade que não estão satisfeitos com o modelo Fernando Henrique.

Numa leitura superficial, teríamos aí uma inversão de posições, dado que o ex-prefeito de Porto Alegre ganhou projeção justamente por fazer um discurso mais moderado, conseqüente e avançado que o de Lula, com mais tendência a fechar com o esquerdismo, apesar do discurso de coloração aparentemente racional, com poderosas incongruências. Na entrevista de domingo, por exemplo, Lula critica o "purismo tradicional do partido", que, segundo ele, "precisa parar de confundir política com ideologia".

Otimo. Mas quem comandou o partido nesses últimos anos? Quem foi mesmo que anunciou espetacularmente que não disputaria um novo mandato de deputado federal para se dedicar a preparar o PT para ser uma alternativa séria de poder? Se não estávamos todos lesos, isso pareceu significar que haveria uma administração interna das brigas de aparelho e a esquizofrenia que levam o PT a negar até o próprio poder quando o conquista.

Sempre resta a alternativa de que Lula tenha mesmo chegado à conclusão de que estava tudo errado e esteja disposto a fazer agora o que deveria ter feito em 1994. Sempre é tempo.

Quanto ao significado dos discursos atuais de Lula e Tarso Genro, se pararmos para pensar um pouco, será possível chegar à conclusão de que essa aparente inversão de papéis é mera ilusão de ótica provocada pelas necessidades circunstanciais de ambos.

Tarso Genro precisa dar uma radicalizada no discurso de forma a conquistar a porção mais esquerdosa do partido. Afinal, se quiser ser candidato à presidência da República, vai precisar primeiro ganhar a convenção do partido. Lula já não necessita desse esforço, dado que é o líder maior do PT, onde tem apoio por gravidade.

Quando fala de alianças, ele dá uma satisfação àquele pessoal — Itamar, Ciro Gomes etc. — com quem vinha conversando a respeito da formação de uma frente. Ai Lula age com correção e lealdade para com seus interlocutores. Ao mesmo tempo, como é suficientemente conhecido de todo o país, não precisa se apressar com nada.

Há também um outro fator: para ele, é possível que interesse o lançamento de uma candidatura de fora do PT se as coisas estiverem muito ruins para a oposição no ano que vem. Simplesmente porque não há motivo para que Lula se arrisque ao desgaste inútil de ter um desempenho pífio em comparação às outras duas eleições que disputou.

Com a vantagem de, com uma candidatura de fora, não perder a condição de candidato eterno. Não vai agora, mas se apresenta em 2002. Mas, se Tarso Genro ganhar a primazia de disputar, mesmo derrotado na eleição, no PT alguém terá, pela primeira vez, sentado no ambicionado trono do personagem principal. E aí fica muito mais difícil para ele recuperar o lugar perdido.

De acordo com as análises de cabeças bem pensantes do PT, a posição do ex-prefeito de Porto Alegre pode render problemas futuros a ele. Porque, ao optar por fazer média com a base partidária e estreitar o discurso, se arrisca a criar obstáculos na sociedade depois.

Por isso mesmo, a avaliação é a de que os dois têm razão. É preciso acelerar o debate em torno da candidatura sem, no entanto, abrir mão da política de alianças e da garantia de acoplar o candidato a presidente a bons candidatos aos governos do estado.

Como não se vislumbra um desempate ou mesmo uma solução que contemple ambas as teses antes da convenção nacional de agosto, até lá o PT terá pelo menos garantido espaço privilegiado no debate político e deixado, finalmente, de apenas administrar o ostracismo.

Os petistas finalmente entram no debate político, deixando de lado a mera administração do ostracismo